Madre Mercedes

"O retorno à Origem Santa"

Monja Concepcionista
de Alcázar de San Juan

Com licença eclesiástica da Diocese de Ciudad Real (20-11-2009)

Índice

	Pág
Apresentação	*5*
1 Nascimento e infância	*7*
2 Seus anos no colégio	*12*
3 Adolescência... às portas do Mosteiro	*21*
4 Sua vida no Mosteiro	*27*
5 Translado... para um lugar de la Mancha. "Volta às fontes"	*38*
6 Espiritualidade em nove características	*48*
7 Subo ao meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus	*70*

Apresentação

Nesta breve biografia que agora lhes apresentamos, nos adentramos na vida da Madre Mercedes de Jesus, Monja Concepcionista, que subiu o monte santo da Conceição, senda que nos abre o mistério da santidade original de Maria.

Soube fazer de sua vida degraus de fidelidade a Deus no silêncio do claustro, para atrair todos os homens ao conhecimento e amor do Pai, ensinando-lhes a riqueza e valor desta virtude que enobrece nossa alma e a faz agradável a Deus e aos homens.

Alma gigante, enamorada da Virgem Imaculada, eleita por Deus para tirar a poeira do carisma, durante séculos enterrado, de nossa Fundadora Santa Beatriz da Silva.

Carisma que restaura a imagem santa de Deus perdida no homem pelo pecado, que nos descobre a beleza da vida interior.

Esperamos que esta pequena biografia sirva para conhecer algumas características da vida da Madre Mercedes e nos estimule a perfeição cristã.

Irmã María Dolores Alhambra Álvarez (Abadessa)

Madre Mercedes de Jesus

1. Nascimento e infância

O Senhor Egido Curto, natural de Calvarrasa de Abajo, Salamanca e a Senhora Carmen Izquierdo Olazarri, natural de Valladolid, contraíram matrimônio em 31 de dezembro de 1927, às nove da manhã, na Igreja de São Miguel, Valladolid. Casou-lhes o Padre Daniel Llorente, que mais tarde chegaria a ser Bispo.

O casal teve nove filhos que se chamaram: Angelita (que morreu com seis meses), Francisco José, Angelita (lhe puseram o nome em memória de sua irmãzinha), Alfonso, Carmen, María del Rosario (que é a Madre Mercedes), Juanito (que morreu com oito dias), Conchita (que morreu com sete anos), e um menino que não chegaram batizar por morrer logo após nascer.

Madre Mercedes nasceu em Salamanca na Rua Cárcel Nueva, nº 18, em 29 de março de 1935, às seis da tarde, pesando, ao nascer, três quilos e meio.

Foi batizada na paróquia de Sancti Spiritus em 21 de abril de 1935. Seus padrinhos foram seus avós paternos, o Sr. Francisco Egido Santos e a Sra. María

Curto Santos, ambos naturais de Calvarrasa de Abajo, Salamanca. Seus avós maternos eram o Sr. Juan Izquierdo Santos, natural de Tordesillas, Valladolid e a Sra. Angela Olazarri Laso, natural de Ontaneda, Santander.

Toda sua infância transcorre em um ambiente profundamente cristão que marcou seu espírito. De sua mãe, aprendeu a conhecer a existência de Deus, já que a educava cristãmente e na força de espírito que havia recebido dos seus pais.

Madre Mercedes foi crescendo interiormente e sentindo a presença de Jesus, sua ternura, seu amor, que enchia seu pequeno ser até transbordar, pelo que somente encontrava deleite ao ouvir falar de Deus.

A inocência de sua vida ou ausência de pecado lhe facilitava perceber a Deus com nitidez em tudo quanto acontecia. Alguns acontecimentos em sua infância expressam a graça de Deus que atuava nela.

Um destes casos foi que a culparam por uma coisa que não fazia contra a irmãzinha que por último tinha nascido: que tomava o leito condensado da menina. Como ela se calava diante da acusação, sua mãe a deu por certa e começou a tratá-la com muita seriedade. Isso lhe causou grande sofrimento, pois a amava muito e, ao faltar-lhe seu carinho,

humanamente foi como sentir-se estranha em casa, sem consolo em nenhuma parte. Isto a fazia crer que estorvava, no último canto da casa. Mas apesar deste intenso sofrimento não sentiu a necessidade de desculpar-se. Refugiava-se em Deus dizendo interiormente: "no dia do Juízo se saberá" e assim ficava consolada e contente. Logo quis o Senhor que se descobrisse a verdade...

Outra experiência que destaca a suavidade e delicadeza de seu espírito, seus sentimentos de amor a tudo o que Senhor criou, é a seguinte. Ou melhor, deixemos que seja Madre Mercedes que nos conte:

"*Um Natal, minha mãe decidiu matar um galo que tinha criado no curral para celebrar a festa. O matou, mas não bem, porque ao jogar encima a água fervendo para depená-lo, o galo saiu correndo da sala onde isto acontecia até a cozinha perto de onde eu andava. Ao ver o galo correndo e a minha mãe atrás dele para matá-lo, me tomou tal aflição que, invadida pelo desejo de salvar a vida do galo, me pus de joelhos diante de minha mãe chorando amargamente e rogando-lhe com todas as forças de minha alma que matasse a mim, mas que deixasse com vida o galo. O dizia com a alma dilacerada,*

cheia de lágrimas e com as mãos juntas para minha mãe, pedia com a maior força que podia para consegui-lo. Me parecia ver que minha vida valia menos que a do galo a quem via sofrer, atormentando-me a alma. Era tão intenso meu sofrimento que não podia entender como minha mãe, que nos ensinava tanto o amor de Deus, matasse o galo. Foi minha primeira experiência de um mundo distinto ao de minha alma, de um mundo de violência (normal segundo se pensa) mas muito amargo para mim tão acostumada a suavidade de Deus, todo amor e vida".

Neste ambiente de inocência, bondade, pureza, piedade, ia crescendo... mas ao mesmo tempo também, compreendendo o valor do sacrifício, sofrimento e desprendimento, pois lhe tocou viver os anos do pós-guerra, onde faltava alimento sobretudo nas capitais. Salamanca, cidade de raízes tão profundamente cristãs, semeada de Conventos e Mosteiros que buscavam a tradicional sabedoria de sua Universidade, foi muito castigada pelos bombardeios da dura luta de 1936 – 1939, na Espanha, pelo que ficou, como quase toda Espanha, em uma situação muito precária. Tinham que ir aos

povoados vizinhos que abundavam mais em alimentos, a trocar óleo, sabão etc. por alimentos, e o trajeto tinham que fazê-lo a pé.

Que aconteceria em seu coração diante da separação de sua família, de sua mãe a quem tanto amava...?

2. Seus anos no colégio

A separação de sua mãe, a quem amava apaixonadamente lhe causou intensa aflição, pois ainda que as Irmãs cuidassem dela com verdadeiro amor cristão, tinha saudade de sua casa e de sua querida família. Quando sua mãe a visitava seus olhos se enchiam de lágrimas ao vê-la... mas Deus, como não se deixa vencer em generosidade, a fortalecia internamente, e apesar de sua pouca idade, ia amadurecendo pelo sofrimentos e pelos dons que recebia de Deus; sua atitude equilibrada, sua rica personalidade já se esboçava em seu comportamento, como constata este fato:

"Era de noite, a irmã tinha saído da classe quando, a poucos momentos, se apagou a luz. Todas as meninas se agitaram, começaram a gritar a sair das carteiras para o centro do grande salão que era a classe. De repente, veio à luz, entrou a irmã e encontrou todas as meninas gritando, eu sozinha estava sentada na carteira. Não havia sentido a necessidade de gritar nem de me mover, nem compreendia por que as meninas se agitaram, nem

mesmo me pareceu mal o que tinham feito, simplesmente não o entendia"

Que força superior interna movia seus atos em uma idade tão infantil? A de Deus, só a Deus!

Um acontecimento muito grande foi o de sua Primeira Comunhão, que fez em 02 de maio de 1943, aos oito anos. O dia mais feliz de todos que tinha vivido até então. Quase não dormiu na noite anterior pensando em quem havia de receber Sacramentado no dia seguinte. Seu encontro com Jesus foi sereno e cheio de gozo.

Como agradecia ao Senhor o Colégio que lhe presenteou, onde podia comungar diariamente, onde o ambiente de piedade que nele se vivia a ajudou a estar ou se manter unida a Jesus, onde esteve livre de tantas ocasiões de pecar, onde pôde confessar com muita freqüência e com júbilo de sua alma! Que feliz se sentia na Capela!....

Também se destacava por sua inteligência, já que então, se avançava no grau escolar à medida que o estudante o superava. Assim aconteceu que ela, aos 11 anos estava na turma das meninas de 14, e ademais a primeira. Isso aconteceu devido a que em todos os exercícios de redação lhe davam a máxima pontuação.

Mas com este fato, as meninas se sentiam afrontadas e criaram contra ela um ambiente hostil. Umas às outras passavam os trabalhos que faziam melhor para copiá-los, e no fim conseguiram deixá-la a quinta da classe. Sentia que sempre e em toda ocasião a deixavam sozinha, e sofria ao perceber por que o faziam. Era a primeira experiência em sua vida dos efeitos da vaidade, inveja ou ambição que encheu sua alma de amargura ao comprovar que existiam entre as meninas, mas se sentiu igual quando ficou a quinta da classe que quando era a primeira. Este acontecimento não conseguiu tirá-la de sua

estabilidade em Deus... já que estava tão acostumada a bondade e amor do Senhor, ainda que, como em toda menina, existia também suas travessuras. Ela o recorda assim:

"*O que não conseguiu a graça foi vencer minha teimosia que mantive desde meu ingresso no colégio até que sai dele. Foi o caso que, no mesmo dia que ingressamos, de tarde, a Irmã Organista Ir. María Mendizábal, tão boa, nos pediu, as duas irmãs, que cantássemos. Fizemos juntas, mas depois nos disse que cantássemos separado. Eu me neguei a fazê-lo, não sei se acovardada pela tristeza que então tinha, de modo que a irmã teve que me deixar por impossível. E isso mesmo aconteceu todas as vezes que tentou, que foram muitas, ainda que eu já estivesse feliz e apesar de que minha irmã tinha entrado para formar parte do Coro, a quem obsequiavam e estimavam muito, mas nada conseguiu que eu mudasse. Alguma vez, observei que a irmã fazia cantar toda a turma e descia por uma fila de carteiras separada de onde eu estava, até o fundo da mesma, para acercar-se devagar por detrás da que eu ocupava, para ouvir-me, mas eu, quando ouvia seus passos, me calava. Uma vez me perguntou: 'Por que não cantas?' Minha resposta sempre foi um sorriso,*

mas me mantinha inflexível em minha decisão. Seria isso uma rebeldia, Deus meu? Então, não sentia assim dentro de mim, mas sim era uma teimosia".

Teimosia ou… travessura…?

A educação tão cristã, a freqüência dos Sacramentos, o fervor das Irmãs, que se respirava, sobretudo na Capela, junto com seus exemplos, fizeram crescer a suavidade do espírito de Deus em seu coração, fazendo-a cada dia mais sensível a vida interior que a alegrava.

Seu amor a Virgem Imaculada ia crescendo nela. Quanto desfrutava limpando sua preciosa imagem!

"*Foi um prêmio para mim, encomendar-me a limpeza da preciosa imagem de nossa Mãe Imaculada que presidia nossa sala. Era quase de tamanho natural, estava sem Menino e colocada como em um nicho acima de uma mesa de altar. Meu gozo era grande quando a limpava, me sentia muito importante, como se não merecesse fazê-lo. Um dia que a limpava me senti maternalmente atraída por Ela, me aproximei d´Ela, a abracei e beijando-a lhe pedi que fosse minha Mãe. Experimentei sua presença maternal! Mãe querida! Deixando-me muito*

consolada interiormente da ausência de minha mãe carnal. Esta é a primeira vez que experimentei como é Maria e sua intercessão maternal. Ó, doce Virgem Maria!"

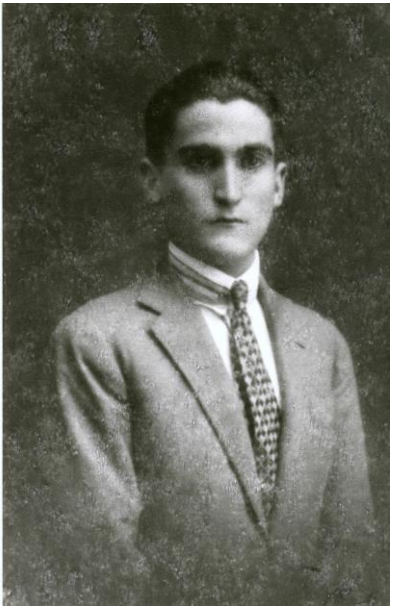
Aos oito ou nove anos, Madre Mercedes sentiu a chamada à vida religiosa. Mas é estranho. Seu primeiro desejo, que permaneceu até os quinze, foi o de ser missionária. Talvez isso se deva a uma explicação que estava dando uma das Irmãs acerca das missões. Ela, entusiasmada pela explicação, exclamou:

- *"Eu serei missionária!"*

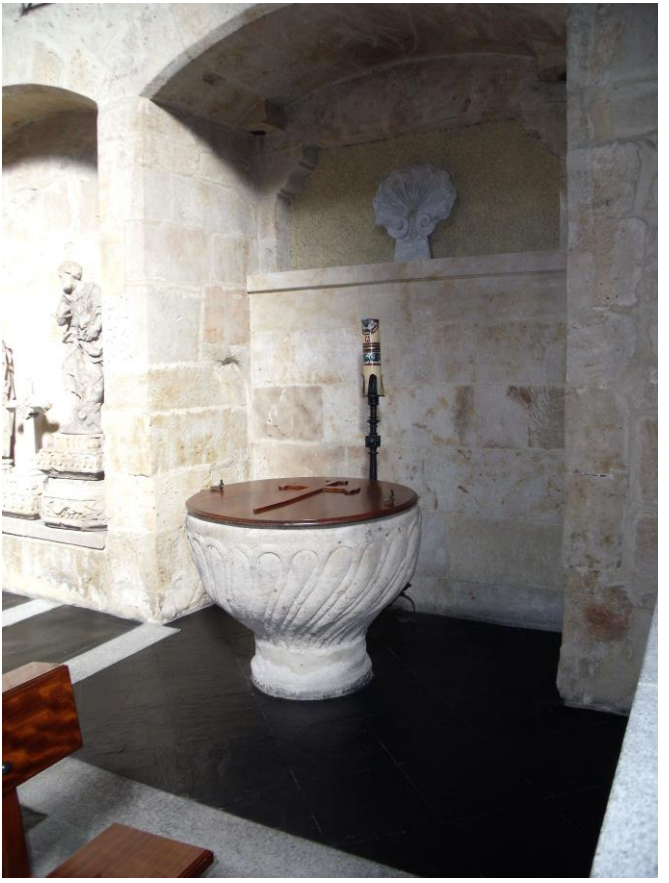
O tomou tão a sério que começou a preparar-se e quando terminava o recreio da noite, sem deixar-se arrastar pelas meninas que, no dormitório, continuavam jogando, saltando de cama em cama, ela se deitava rapidamente e começava com vivo desejo preparar suas pregações, que havia de pregar a seus negrinhos. Sempre tratavam do mesmo: da grandeza de Deus e de nossa pequenez... Que feliz se sentia preparando sermões! Deus já ia fecundando em sua alma o que ela daria a Igreja mais tarde desde o

monacato: atrair os homens ao conhecimento e amor do Pai.

Fez sua Confirmação em 11 de maio de 1946, na Paróquia de Sancti Spiritus, Salamanca.



Pais da Madre Mercedes



Salamanca: Igreja do Sancto Spiritu onde foi batizada Madre Mercedes

3. Adolescência... às portas do Mosteiro

Os desígnios de Deus eram outros… Sem poder terminar os estudos superiores teve que abandonar o Colégio porque foi necessário trabalhar na alfaiataria que seu pai instalou em sua casa. O motivo principal era que faltava trabalho em Salamanca devido aos anos do pós-guerra, tendo a família que mudar-se a Madri.

Em seus primeiros anos de adolescente, seguiu freqüentando os Sacramentos graças ao fervor que trazia do colégio, aos exemplos que lhe dava sua mãe e o sangue de tantos mártires da fé que a guerra fez, semeando na Espanha nova semente de cristãos.

No entanto, mais ou menos aos treze anos, começou a se esfriar na vida espiritual arrastada por amigas que eram pouco de Deus... Mas a graça divina e sua misericórdia tocou seu coração graças a pregação de uns Padres Redentoristas na Paróquia. Voltou ao Senhor por meio de uma confissão sincera e o Espírito, conseqüentemente, ao ver suas demonstrações de arrependimento e amor, a moveu a entregar-se por completo a penitência, pela que esteve três dias em pleno verão sem beber água. Em pleno

verão! Esta sede não conseguiu apagar seu fervor, senão que o aumentou...

Nesta época, consolidou sua vocação pelas missões, para curar leprosos e se sentiu atraída por Deus e pela virgindade. Aos 14 anos, prometeu a seu Deus para sempre ser virgem... e como o amor a Deus e o amor ao irmão vão sempre juntos, dedicou-se a ajudar a todas as pessoas que necessitavam.

Nesta etapa de sua primeira conversão, começou a praticar devoções, com fervor acudia aos atos eucarísticos, ao exercício da Via Sacra, a oração do Santo Rosário em sua Paróquia, e quando as pessoas saiam, ela começava a percorrer os altares rezando em cada um deles o que lhe saía do coração, ficando ao terminar muito consolada, cheia de alegria e de doçura que logo, sem dar-se conta, manifestava no trato com os demais. Por este costume que tinha, o diretor espiritual de sua mãe a chamava "a menina dos altares"

"*Quanto ajudam estas devoções para familiarizar-nos com o sobrenatural quando ainda não começamos a ter vida interior! Ajudam, preparam, dispõe a ela, e mantém o amor de Deus, de nossa Mãe Santíssima, a pureza de consciência, o*

desejo de fazer o bem, enfim, a piedade cristã em seus balbucios [inícios]".

Madre Mercedes andava neste clima espiritual, de desejos de Deus e de entrega aos demais, quando uma tarde estando em casa sozinhas às três irmãs, sua mãe lhes perguntou:

- "Alguma não quer ser monja?

As três responderam:

- "*Siiim!"*

A Sra. Carmen se viu cheia de alegria, já que tinha pedido ao Senhor ao menos uma filha monja...

Corria o ano de 1950, quando suas irmãs Angelita (Irmã Espírito Santo) e Carmen (Irmã Apresentação) ingressaram no Mosteiro de Monjas Concepcionistas de La Puebla de Montalbán, Toledo. Madre Mercedes tinha 15 anos e persistindo ainda em seus desejos de ser missionária, começou a trabalhar em um dispensário das Irmãs da Caridade... mas, por fim, o Senhor a derrotou em seu propósito quando foi a tomada de hábito de sua irmã mais velha, depois de várias insinuações do diretor espiritual de sua mãe que presidiu a Cerimônia e das Monjas do Mosteiro.

Foi uma frase que deixou seu coração quase derrotado:

-“Vinde conosco, daqui podeis ser missionária”.

E ela, refletindo sobre esta frase, dizia em seu interior:

- “*Se o importante é salvar almas, não queria Deus que o fizesse desde o Mosteiro?”*

Com isso, decidiu ser monja de clausura, Concepcionista, e a Madre Abadessa lhe disse que antes de ingressar estudasse música e mecanografia. Estudou seu primeiro ano de solfejo, mas não pôde suportar a demora e se esfriou em sua vocação. Acabava de cumprir 16 anos.

A graça de Deus, os agrados e vaidades do mundo lutavam em seu interior. Era um tempo de rebeldia, em que, por fim o Senhor atuou por meio de acontecimentos dolorosos, como foi a morte repentina de seu pai, em 12 de abril de 1953, com a que abrandou seu coração. Foi um duro golpe em sua vida, mas graças ao heroísmo e generosidade admirável de sua mãe, da quem se serviu o Senhor, ela decidiu pôr fim ingressar no Mosteiro. Anos mais tarde escreveria:

"Quanto sofrestes por mim, Senhor! Mas, apesar de tudo, permaneceste fiel em teu dom irrevogável que era minha vocação, e... seguiste chamando-me com um amor e uma paciência infinita! Que vias em mim que não fosse rebeldia contra ti, Deus meu? Em troca, tu para mim foste ternura, misericórdia, perdão sempre. Ó amor, amor, o maior, fiel e misericordioso, perdão para esta grande pecadora, Deus meu! Perdão!"

Madre Mercedes na alfaiataria de seu pai

4. Sua vida no Mosteiro

Por fim chegou o dia de seu ingresso no Mosteiro que foi 25 de outubro de 1953. Era o dia de Cristo Rei! As portas do Mosteiro se abriram para ela, os braços da ternura de seu Deus a acolheram para recebê-la e enchê-la de novas graças, sentindo-se como o filho pródigo que voltava aos braços de seu pai:

"*... Deus meu! Quando pisei o umbral de tua casa me encheste de ternura, amor e carícias de modo que elas me deram a entender o longo tempo que me tinhas estado esperando. Ó fino enamorado de teus redimidos! E me vestiste de festa...*"

Em correspondência ao amor de Deus, desde seu postulantado, evitava as mais leves imperfeições, arrastada pelo amor, que lhe punha asas, dando uma grande amplitude a seu espírito, operando com pureza de coração e intenção. Corria gozosa a receber o Sacramento do amor, do perdão e da alegria de Deus, fonte de seus maiores consolos e desejos de fidelidade. Bem podemos ver nisso sua coerência de vida, entre o que ela vivia e o que mais tarde escreveria:

"Temos de amar a ascese que implica a própria liberação do pecado ou desordem, porque já sabemos por própria experiência, que esta ascese é a felicidade na luta, levando-nos a potência máxima do amor, ao amor perfeito, a união com Deus".

As pequenas fidelidades faziam crescer seu amor a Deus, seu desejo de santidade e de ser toda dele. O Espírito de Deus a movia para o que ele mais valoriza e mais o agrada: os trabalhos humildes em silêncio.

"*Me enchi de inveja e veneração pelas Irmãs leigas que prestavam seus serviços à comunidade humildemente, passando desapercebidas em seus esforçados trabalhos, sem voz nem voto; e, desejando ser como elas decididamente pedi a minha Madre Mestra que me permitisse passar à classe das Irmãs leigas. A Madre Mestra me olhou e disse: 'Que disparate!' Fiquei desconcertada, porque acima de todo valor, via claramente que era o melhor para identificar-me com o abaixamento de Cristo, que tão profunda e amorosamente tinha se arraigado em minha alma e me enamorava".*

Com este intenso fervor e paz tomou o hábito em 27 de abril de 1954. Passou seu Noviciado exercitando-se em todas as virtudes próprias da vida monástica.

Chegou, por fim, o dia de sua Profissão que fez com grande fervor e entusiasmo. No mesmo dia, 12 de maio de 1955, professaram as três irmãs: as duas mais velhas a Profissão solene e ela a temporária. Foi um dia luminoso. Deus invadia todo seu ser. Pediu ao Senhor que sua mãe fosse Monja e fosse para o céu ao morrer, como mais tarde lhe concedeu, ingressando, já viúva, aos sessenta e quatro anos de idade até os noventa e sete com que faleceu.

Sendo Professa, a Madre Abadessa a destina ao Colégio que então a Comunidade tinha. Estava nele desde as nove da manhã até as sete da tarde, pelo que o excesso de trabalho a fez perder a saúde: tinha uma anemia perniciosa, por causa disso teve que sofrer muito. Ofereceu-se vítima ao Senhor pelas almas e um dia que cuspiu sangue, pesando que a tivesse aceitado, se encheu de alegria e devoção. Mas não eram os planos de Deus, pelo que recuperou a saúde integralmente e tudo se normalizou. Ao Colégio não voltou mais. Tinha então 21 anos.

Buscando com que alimentar sua alma, Madre Mercedes, que desejava a santidade, sentia falta da espiritualidade própria da Ordem, e às vezes sentia muita inveja das famílias religiosas que desfrutavam lendo o espírito de seus Fundadores.

- "*Quanta nostalgia passei disso!"*

Deus ia despertando em sua alma a missão que deveria realizar em sua Igreja.

Fez sua Profissão solene em 16 de maio de 1958.

O Senhor seguia concedendo-lhe muitas graças na oração, por meio da leitura da Sagrada Escritura que lia com avidez, com admiração, com infinito gozo e se incendeia no amor divino, causando-lhe uma felicidade grandíssima. Pelo que ela, desejando corresponder a este amor de Deus, toda sua vida se desenvolvia na chave do mais, se dava a penitência e oração, ao exercício da Via Sacra. Depois de comprovar que ninguém a via, se punha de joelhos nos trabalhos que lhe eram encomendados, beijava o solo que as Monjas pisavam, para imitar Cristo abaixado em sua humildade. A tanto chegava a presença de Deus em sua alma, que até a água que bebia, desejava beber Ele e glorificá-lo. E assim

sempre que bebia do copo, o fazia três vezes, dizendo com a alma em cada uma, a doxologia da divina Trindade: "*Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo".*

O espírito de amor de Deus a impulsionava a mortificação dos sentidos e paixões. Se sentia tão cheia interiormente e com tantos desejos de oferecer ao Senhor a renúncia a todas as satisfações que se oferecessem, que as aproveitava dissimuladamente. Por exemplo, fechava os olhos quando ensinavam coisas lindas que chamavam atenção de todas. Como ela depois nos dirá:

"*Quão necessária é a mortificação para manter a vida interior! Renunciar a todos os prazeres materiais que nos permita a saúde por amor de Deus, que é nossa Vida, é sabedoria de Deus".*

A renúncia das coisas e de si mesma, demonstra este acontecimento que ela nos narra:

"*Sentia antipatia para com uma Monja enferma a que eu atendia por meu ofício de enfermeira. Isso ocorreu na época que praticava a devoção ao Divino Coração e a ele encomendei esta intenção. Era um tormento para mim, prestar-lhe*

meus serviços, ainda que fosse uma Monja já anciã que me havia dado exemplos heróicos de virtude, mas a antipatia que sentia para com ela era como uma montanha que em meu ânimo me esmagava. Pouco a pouco fui vencendo-a procurando atendê-la com carinho, ainda que às vezes vacilasse. Mas parece que algo conseguia porque ela, muito agradecida, gostava de dizer às monjas que a cuidava como uma mãe, ainda que não fosse tanto. Esta força para vencer-me recebia do Divino Coração, a quem constantemente a pedia. E a necessitei mais forte num dia em que o peso desta repugnância e antipatia me oprimia. Como tinha um pouco de tempo livre, pensei ir ao Coro para consolar-me com o Senhor, para ver se assim levantava o ânimo. Mas, pensado melhor, me senti impulsionada a ir, não ao Coro, senão a lavar os pés da irmã. Assim fiz com alegria e muito carinho. Ela ficou surpreendida com este fato que aceitou como uma prova de amor, e ficou muito contente. Mas muito mais contente terminei eu por fazê-lo. Pois ao terminar de lavar seus pés, me senti cheia de gozo e sem esta antipatia que me tinha martirizado tão profundamente. Venceu o Divino Coração. Quem não aprende a amar contemplando o Amor? E assim não voltei a senti-la nunca mais".

Apesar de tantas graças recebidas, o Senhor quis purificá-la permitindo em sua vida fortes tentações:

"Em todas, ou quase todas as graças que recebia de Deus, antes ou depois, permitia o Senhor uma tentação muito humilhante, que me mantinha constantemente humilhada colocando a descoberto o que eu era: nada, miséria, pecadora. Não necessitava outra coisa para sentir-me o que era: 'pó, cinza', sem ânimo para levantar a cabeça. Quanto me humilhou o Senhor com isto e quanto sofri!"

Por isso, como fruto destes sofrimentos, escreverá mais tarde:

"*Na noite da provação, da dor, do silêncio ou solidão de Deus, é quando deve exalar com força seu perfume a fidelidade e amor da concepcionista. Exalá-lo para seu Esposo no exercício de todas as virtudes, fé, esperança, caridade e em todas as virtudes de ordem moral, fraternal e monástico. Exalá-lo para ele, porque as exercita para ele, para agradar só a Ele. Para que tenha fragrância divina a estância interior de sua alma, onde descansa o Esposo, como teve a de Maria. Que tenha amor,*

obediência, que é a que espiga e acrisola nosso amor, e este unifica todas as virtudes".

Deus lhe concedeu também um amor profundo e sentido a Santíssima Virgem, mas deixemos que seja sua pena que melhor nos conte:

"Me concedeu o Senhor a graça de atender com plena lucidez à meditação e oração das três partes do Rosário e ao trabalho que fazíamos em comunidade: confecção de capas para a guarda civil. Estava atenta ao que fazia na máquina de costura e ao que me diziam, e a oração e contemplação do Santo Rosário, como se tivesse duas mentes, sem fadiga, sem distrações, com soltura e facilidade."

Entre provações e graças sua maturidade e fortaleza espiritual e humana iam crescendo, com muito domínio de si, que era sua melhor vitória. Porque "*toda vitória requer esforço e por isso mesmo tem valor, mérito".*

Retábulo da Igreja do Mosteiro de
de Puebla de Montalbán (Toledo)

Madre Mercedes noviça

Madre Mercedes no centro com suas Irmãs na Profissão Simples

5. Translado... a um lugar de la Mancha
“Volta às fontes”

Nestes anos de amadurecimento no Mosteiro, ela intuía que Deus iria lhe pedir uma mudança muito importante para sua vida e não passou muito tempo quando a Madre Presidente da Federação, María Ana Alberdi, pediu ajuda para o Mosteiro de Alcázar de San Juan, Ciudad Real, denominado do Sagrado Coração, então situado na Rua do Verbo. Casa pobre de lavradores adaptada a Mosteiro, onde ainda os estábulos das mulas serviam de refeitório, exalando umidade do pavimento que era de cimento, como quase a casa toda e de uma pobreza assustadora. Estava constituído por um reduzido número de monjas e sem recursos econômicos.

Assim, em 20 de janeiro de 1964, foi transladada pela Federação, acompanhada por outra monja, a Alcázar de San Juan.

E nesta terra… com seus moinhos de vento que salpicam a paisagem *de la Macha*, conhecida como a terra de Dom Quixote e Sancho, com paisagens modeladas pelas planícies suavemente onduladas, o Senhor já começava sua obra em Madre Mercedes de Jesus...

É assim que entre os anos 1964 – 1967, Deus imprimiu em sua alma um conhecimento experimental de como ama Deus Pai, como redime Deus Filho e como santifica Deus Espírito Santo.

Que aconteceria, a raiz deste acontecimento, em sua alma...?

"*A alma que deixa que Deus fale e atue através dela, deixa atrás de si a ação de Deus que santifica aos demais. A alma que se santifica, santifica, a alma que se eleva ao seu centro amoroso... eleva, arrasta os demais."*

Madre Mercedes de Jesus, querendo sempre fazer a vontade de Deus, recebeu uma graça muito especial que a deixaria marcada por toda sua vida, porque nela se revelava a missão que deveria realizar dentro de sua querida Ordem: tirar a poeira o carisma concepcionista enterrado durante cinco séculos, já que depois de morte da Fundadora Santa Beatriz da Silva, circunstâncias históricas no ambiente da reforma das ordens religiosas na Espanha conduziram a nascente Ordem para a observância e espírito franciscano, ficando o da Fundadora sem vigor em quase sua totalidade.

Corria o ano de 1969, quando sua Madre Abadessa lhe pediu que escrevesse um artigo, já que a Federação tinha solicitado trabalhos aos diversos Mosteiros para estudar o espírito da Fundadora e apresentá-lo no Congresso que se celebraria em Toledo.

E é aqui quando o Senhor lhe dá outra graça:

"Até agora em tudo o que se havia trabalho e ocorrido acerca da renovação de nossa Ordem não me havia movido o Espírito. Lamentava que não se reconhecesse a Fundadora seu carisma... mas não me sentia responsável por ser a última Professa de votos solenes e meu espírito não se sentiu movido, até que a Abadessa me encomendou os textos sobre o espírito de nossa Mãe Fundadora. Então muito penetrou dentro de minha alma com a suavidade, paz e doçura que Deus faz, o espírito da Fundadora. Melhor, entrou seu espírito no meu, em uma experiência muito próxima que tive dela, onde a conheci. Ela se pôs junto a mim. A experimentei inocente e muito amante de Maria, muito doce e humilde. Muito entregue ao Senhor, com uma alma pura, branca, sem duplicidade, abandonada em Deus... Sua presença sentida me impulsionou a clamar que seria a Maria Imaculada a raiz fundamental que manteria com

vigor a espiritualidade concepcionista. Com isso queria dizer que não havia outra espiritualidade em Santa Beatriz e que através dela conseguiria a concepcionista a transformação em Cristo e a glorificação do Pai".

Com estes desejos de fidelidade que Deus fixava em sua alma, Madre Mercedes foi trabalhando no caminho da santidade, edificando sua comunidade com suas virtudes: mortificação, silêncio, amor a cruz e espírito de humildade. Nunca falava de suas próprias excelências nem das graças recebidas de Deus.

E assim, por sua exemplaridade de vida, que edificava as Monjas e atraía as jovens que ingressavam, foi eleita Abadessa em 23 de janeiro de 1970. Tinha 34 anos. Era a penúltima das Monjas capitulares e a mais jovem, e por não ter a idade canônica suficiente, foi necessário pedir dispensa a Roma, cuja confirmação veio em 12 de março de dito ano.

Este cargo que desempenhou durante trinta e dois anos, o fez com uma entrega incansável a sua Comunidade e Ordem, trabalhando na "volta às fontes" para trazer à luz o que tantos séculos levava escondido. A graça do Concílio Vaticano II a fez

entender que deveria retornar a ascese e ao espírito mariano da Fundadora, já que a havia fundado para o culto, amor e serviço à Virgem Imaculada.

Por estes anos, as Monjas de alguns Mosteiros da Espanha e da América, estavam embebidas no espírito da Fundadora, entusiasmadas com "volta às fontes" e mantinham correspondência com Madre Mercedes...

Devido à deterioração e iminente ruína do Mosteiro teve que se edificar um novo próximo ao antigo, em outros terrenos aonde se transladou a Comunidade em 19 de março de 1973, solenidade de São José, chamando-se da Imaculada e Santa Beatriz da Silva.

Depois de doze anos de oração, trabalhos e sofrimentos, sinais vivos da obra de Deus, para conseguir a "volta às fontes" ou primitiva inspiração da Ordem, em 25 de abril de 1981 se começava no Mosteiro de Alcázar de San Juan um "Experimento" de vida monástica concepcionista fundamentada na Bula fundacional da Ordem *Inter Universa* (1489). Patrocinaram o movimento de renovação, primeiro Monsenhor Juan Hervás y Benet até sua aposentadoria, e depois Monsenhor Rafael Torija de

la Fuente, que o sucedeu e foi Bispo desta diocese de Ciudad Real desde 1976 até 2003.

Durante o tempo do "Experimento" com a graça de Deus que assistia a Madre Mercedes, começou a refletir com sua Comunidade a espiritualidade que lhes legou Santa Beatriz da Silva, sua Fundadora na Bula *Inter Universa,* que se centra no mistério da santidade original de Maria Imaculada, e que havia sido recolhida nos Estatutos que escreveu Madre Mercedes e que foram aprovados pelo Bispo Diocesano, primeiro, e que depois se enviaram a Roma, à Sagrada Congregação de Religiosos e Institutos Seculares.

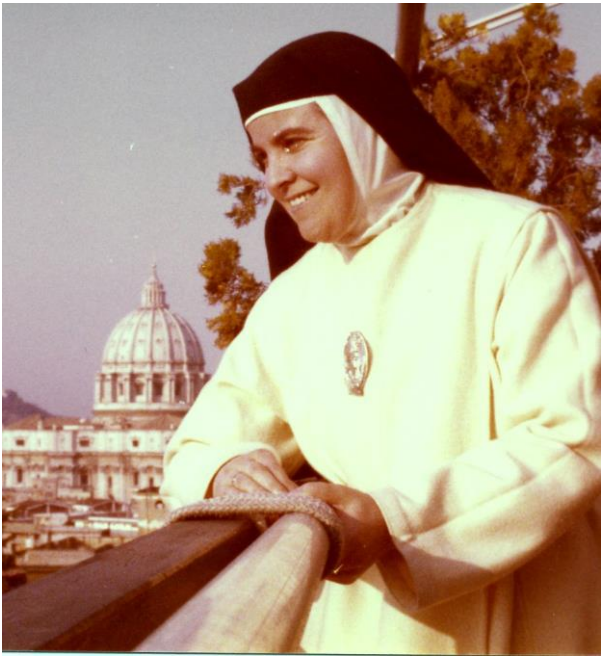
O processo de renovação havia sido lento, claro e esforçado como são as coisas de Deus. Seu habitual abandono nas mãos do Senhor, sua vontade pacificada, a fazia saborear com paz a esperada "volta às fontes".

O "Experimento" de vida monástica concepcionista durou três anos. Este foi o primeiro passo do que em 08 de setembro de 1996, Natividade da Virgem Maria, seria uma realidade: a aprovação pontifícia do que se havia apresentado à Sagrada Congregação: umas "modificações" às Constituições Gerais da Ordem para que, respeitando seu texto, se

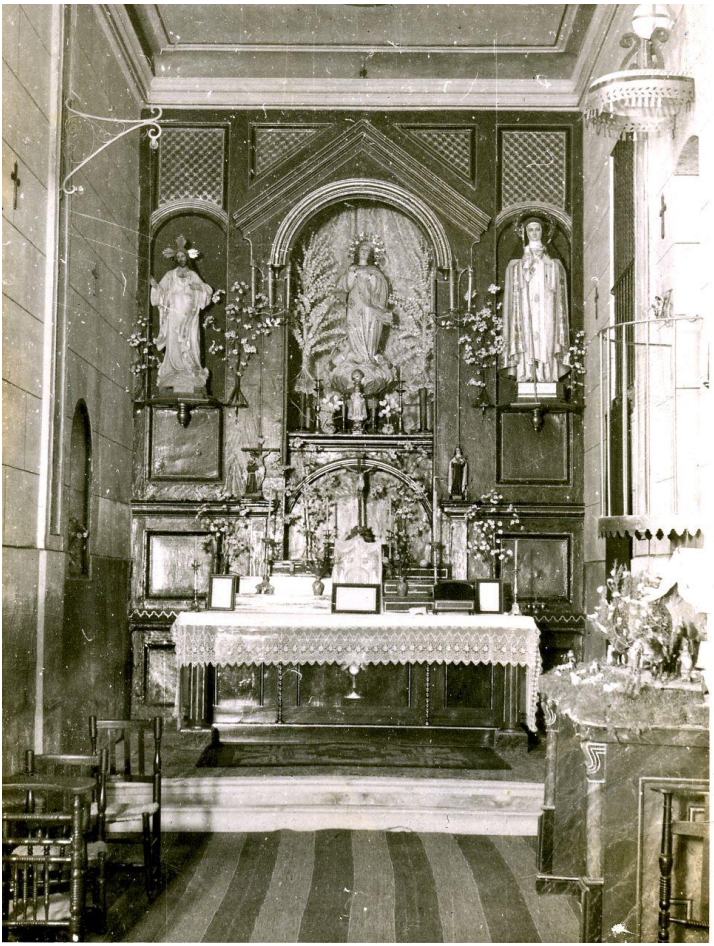
introduzissem no mesmo mudanças oportunas nos artigos que concerniam a espiritualidade franciscana e sua forma de vida, para pôr em seu lugar a espiritualidade mariana da Fundadora, sua ascese e forma de vida que a Igreja aprovou.

Tal como havia pedido Madre Mercedes, endossada pelo Bispo, se lhe concedeu por meio de um Decreto assinado pelo Eminentíssimo Cardeal Eduardo Martínez Somalo e Monsenhor Francisco Javier Errázuriz Ossa, Prefeito e Secretário respectivamente da Sagrada Congregação.

Com isso, mantendo-se monjas da Ordem da Imaculada Conceição (Concepcionistas) tinham nas Constituições Gerais o espírito mariano fundacional e sua forma de vida que assumia, claro está, a adequada adaptação promovida pelo Concílio. Glória a Deus, que por bem empregados dava os 27 anos que havia custado consegui-lo!



Madre Mercedes em Roma



Traslado ao Mosteiro do Sagrado Coração de Jesus

Alcázar de San Juan

Grade por onde Madre Mercedes olhava

Madre Mercedes e a Comunidade

6. Espiritualidade em nove características

Nos longos anos de permanência no Mosteiro, Madre Mercedes foi desenvolvendo a espiritualidade concepcionista, deixando escrito às suas filhas a vivência deste espírito que marcaria a vida da Monja Concepcionistas, para o bem de toda humanidade.

Aqui dá-nos esboçado o que ela recebeu de Deus e transmitiu com sua própria vida.

Deixemos que seja Madre Mercedes com sua sabedoria que nos adentre nesta rica espiritualidade com estas nove características:

"*A espiritualidade concepcionista brota das entranhas amorosas do Pai, nas que a Concepcionista contempla o começo da existência do homem criado a sua imagem e semelhança para a santidade.*

Depois do pecado, Deus salva seu projeto criador sobre a humanidade, em Maria, liberando-a do pecado original em previsão da redenção do Filho.

A Ordem, portanto, centra sua espiritualidade no soberano mistério da santidade original da

Virgem, tendo por fim a imitação, veneração e amor da Imaculada, livre em sua Concepção santíssima do pecado original.

Maria, neste mistério de sua santidade original, se apresenta à Concepcionista como um elevado monte de santidade, a qual se sente impulsionada a escalar pela mão da própria Imaculada Mãe.

Em Maria, Monte santo de Deus, brilha em toda sua grandeza e esplendor o projeto criador de Deus sobre o homem.

Nossa espiritualidade sempre nos fala de Paraíso; se baseia no livro de Isaías 11,5-9, porque ele nos evoca este ambiente paradisíaco que temos de nos esforçar em criá-lo e vivê-lo em nossa Comunidade:

A justiça será como o cinto de seus rins
e a lealdade circundará seus flancos.
Então o lobo será hóspede do cordeiro,
a pantera se deitará ao pé do cabrito,
o touro e o leão comerão juntos,
e um menino pequeno os conduzirá;
a vaca e o urso se fraternizarão,
suas crias repousarão juntas,
e o leão comerá palha com o boi.

A criança de peito brincará
junto à toca da víbora,
e o menino desmamado meterá a mão
na caverna da áspide.
Não se fará mal nem dano
em todo o meu santo monte,
porque a terra estará cheia
de ciência do Senhor,
assim como as águas recobrem o fundo do mar.

Se nos exige subir até o ápice deste Monte Santo que menciona Isaías, que é nossa Mãe Imaculada. Deus quer que nossa alma, por nossa vivência monástica esteja cheia do conhecimento de Javé, nosso Deus, como as águas enchem o mar para que essa abundância divina a derramemos para fora em torrentes de doçura, mansidão e bondade para com as irmãs e todos que nos rodeiam.

Conseguir a liberação do pecado, e a não violência, é o impulso a que tende a Monja Concepcionista para a santidade. Por isso, para ela, todo o Mosteiro lhe fala de paraíso, de paz, de harmonia, de ordem, de amor, de vida. Tudo evoca o projeto criador do Pai, lhe recorda a criação cheia de vida, de bondade e de amor, à que há de buscar fazer retornar, retornando ela ao amor e conhecimento de seu Criador.

Nossa missão na Igreja é evocar sobre a humanidade esta era dulcíssima de paz, de amor, de harmonia, que começou Cristo com sua vida evangélica e com sua Morte e Ressurreição.

Maria Imaculada é o Paraíso para a Concepcionista, onde se adentra e desde onde vive sua espiritualidade nos elementos constitutivos da vida monástica: silêncio, solidão, oração, lectio divina, generosa penitência, louvor divino, comunhão fraterna, trabalho e zelo apostólico, para acercar a humanidade ao conhecimento e amor de Deus, evocando com a própria vida, seu pensamento criador sobre o homem.

A prática desta espiritualidade, a Concepcionista vive com estas nove características:

6.1 SILÊNCIO

Desenvolvido em quatro vertentes:

a) ***Silêncio criativo**: abismada na imensidade do silêncio de Deus criador que gerou em seu eterno silêncio a seu Verbo divino e com ele no silêncio de amor criou o bem, a luz e a vida do homem, a Concepcionista libera sua palavra de todo mal, de toda desordem e violência, fazendo-a criadora do bem, do amor, da paz em favor dos demais.*

O silêncio criativo nos permite permanecer unidas a Deus para transmitir, com nosso comportamento, a pureza de nossa criação, da que é reflexo perfeito nossa Mãe Imaculada, e imitadora fiel de nossa Fundadora, Santa Beatriz de Silva.

Nossa espiritualidade concepcionista isto nos exige: que falemos de modo que retornemos à pureza de sua origem a palavra. O fruto que temos que dar como conseqüência de viver o silêncio criativo é o de redimir a palavra, libertá-la do pecado, tirando dela o negativo. Que somente falemos para amar, para bendizer. Este é o silêncio da palavra criadora, a ausência de todo mal nela. Que quando falemos, nossa palavra, como a de Cristo o Esposo Redentor, construa a união, a paz, a interiorização. Derrame bondade, compreensão, perdão, alegria, benção: dê a conhecer o amor do Pai.

b) ***Silêncio gerador*** *da divina Palavra. É o silêncio que faz vida interior diante da Palavra de Deus. Silêncio que alimenta a alma de Deus e de seu amor, nos põe em contato com ele. Silêncio humilde, contemplativo, adorador,*

amante, atento, que entende riqueza e o sentido da Palavra divina, profundamente reflexivo diante dela. Silêncio que escute, que capte, que ame, que intua, que adore. Que não se canse de contemplar como Maria, nossa Mãe Imaculada, pois esse é nosso modelo! Maria, adoradora silenciosa e escrutinadora da Palavra de Deus, que tão fielmente imitou Santa Beatriz da Silva, a Santa do Silêncio.

Se aprendemos a escutar com atenção a irmã, o irmão, adquiriremos capacidade para escutar a Palavra de Deus. Porque o fato de ter aprendido a escutar com paz a quem requer nossa atenção, nos fará pacientes, serenas, nos dará maturidade e profundidade espiritual para logo saber escutar e falar com Deus em profundidade.

c) ***Silêncio pacificador,*** *com o que calamos os pensamentos turbadores da paz interior e que ordena as próprias paixões. É o silêncio das coisas, mediante o qual apagamos em nosso interior a força da paixão que nos desvincula de Deus, plenitude transformante a que tendemos como "buscadoras" de Deus.*

Com a prática deste silêncio pacificador temos de concluir a metamorfose ou transformação de nosso modo de escutar e falar, de nossos desejos e paixões. Metamorfose que transformará nossa soberba em humildade, a avareza em prodigalidade, a inveja em gozo e admiração pelo bem alheio, a sensualidade em moderação e pureza, a preguiça em diligência, a gula em austeridade ou mortificação, a ira em mansidão.

Por isso, o fim e o fruto deste silêncio é pacificar as paixões, que são as forças de oposição ao nosso espírito que tende ao "encontro" com a divindade, com a Origem amada de nosso ser.

d) ***Silêncio de busca.*** *Silêncio de "encontro", silêncio contemplativo. Este silêncio descobre os resplendores divinos da presença de Deus que residem no fundo de nosso ser, e os deixa também ao descoberto em todas as coisas. Descobre a presença de Deus e realiza a união, o encontro desejado.*

Isso sucede quando vivemos o silêncio "criativo" que nos liberou de toda palavra de morte. Quando o silêncio "gerador" bem

vivido nos deixou integradas em Deus e no amor cristão, e quando o silêncio "pacificador" nos desligou das coisas e deixou nosso interior em paz. Então, ao ficar pacificadas, sem nenhuma violência, descobrimos que o impulso que sentíamos desde dentro para buscar a Deus, não nos impulsionava a buscar fora, mas dentro de nós mesmas.

6.2 SOLIDÃO

Não somente diante do Sacrário, também nas ermidas do Mosteiro, a Concepcionista busca e encontra a paz e a luz do Espírito, que a ajudam a fazer a mudança de sua mente de pecado à de Deus, pura e santa.

Deus nos exige que vivamos a solidão das coisas e a do mistério profundo de Deus para alcançá-lo, para realizar a união divina. Nada nem ninguém que se oponha a Deus em nossa vida. Nada... ninguém... só Deus, só a eternidade. Nada... que é a plenitude do silêncio interno. Nada ... que é a solidão harmoniosa do amor.

A Madre nos dizia:

"Que é o que poderia enobrecer nossa alma para que fosse agradável a Deus que nos criou? Só uma coisa: que terminasse de desaparecer de nossa percepção o eu e nos convertêssemos só em uma realidade que desse nome ao nosso ser: a vontade de Deus cumprida e vivia. Ser vontade de Deus. Como?

Pela senda do silêncio onde Deus habita: O silêncio é o melhor caminho para conversão. É nosso deserto amoroso. O melhor culto e salmo penitencial. Nos distancia do pecado e purifica nosso coração. É a escola que ensina a falar. É falar no tempo certo e bem... sabendo que o próprio da Monja é calar sempre no tempo certo. O silêncio é a possibilidade de encontrar-se com Deus."

6.3 ORAÇÃO

O fim da oração para a Concepcionista é sua transformação ou retorno a santidade de vida para que Deus a criou...

Deve ser um diálogo de amor ou trato filial com a ternura imensa do Pai que a cria, dando-lhe participação em seu mesmo ser, e a dignifica e redime depois da queda humana com que mais ama: seu próprio Filho. Trato agradecido de amor com

Jesus Redentor que ama e busca em sua alma, à custa de seu Sacrifício inefável, o retorno de sua alma ao Pai, a santidade de sua origem. Trato de amor fervoroso e doação ao divino Espírito, que trabalha com afã e amor infinito, apesar de nossa rudeza, para conseguir em nossa alma a imagem e semelhança com Jesus a que foi criada.

Esta oração pessoal da Concepcionista chegará a sua plenitude, quando em seu exercício, sua vontade tenha sido dominada pelo amor, em um movimento constante ao Princípio adorável de seu ser: Deus, que a transforme e unifique com ele. Assim se fará acessível em sua pessoa e obras, o mistério, a pessoa e obras de Jesus, e sua oração terá para a Igreja, a fecundidade que ela espera...

Por sua especial vocação... pedirá confiantemente a Mãe de Deus, que a ensine... o conhecimento da excelência de sua origem santa, e a ajude a fecundar em sua alma os frutos da redenção de seu Filho, imprimindo nela... a imagem da santidade divina, que é Cristo Jesus.

O fim da oração não termina, não deve terminar na própria oração, no momento de oração que tenhamos, senão que há de se reverter na própria conduta. Há de nos levar a transformação em Deus.

Por isso, a oração e o comportamento hão de se dar juntos, se a oração é autêntica. Se não, não fazemos nada. Nem teremos oração verdadeira se não observamos a conduta adequada a uma vida relacionada com Deus como é a oração, nem poderemos ordenar nosso comportamento se não temos muita oração.

Maria Imaculada é o protótipo da oração concepcionista. Pela oração acolhemos conseqüentemente, com amor e agradecimento, a ação divina e santificante do Espírito que nos arrancará de toda desordem se lhe somos fiéis.

A oração é a força da evangelização. Aqui reside a misteriosa fecundidade da vida contemplativa: enquanto o homem dorme, o amor e a oração da Monja, vela por eles.

6.4 LECTIO DIVINA

Fundamenta nossa vida espiritual no "único necessário" e a faz progredir no divino serviço dando-nos reposta, segundo Deus, a cada situação concreta de nossa vida monástica.

Querendo fazê-la com proveito, a imitação de nossa Mãe Imaculada, a "Virgem ouvinte" da divina

Palavra, tomamos consciência de que ler a Palavra de Deus é receber graça santificante. Por isso, exige-nos lê-la com avidez santa, com pureza de coração, com desejo de Deus, com atenção, lendo-a com os olhos, mas escutando-a com o coração, com perseverança apesar do tédio, com sossego, com amor, com devoção. Nos exige fazê-la com objetividade, não querendo que nos diga o que não diz. Como fazia nossa Mãe que a guardava em seu coração para conferi-la e dar cem por um em frutos de santidade, assim nós a interiorizamos para encarnar em nosso coração, como ela ao Verbo da vida e poder depois dar-lhe à luz com as obras.

Se tudo isso fazemos, se sabemos aprofundá-la em nosso coração, ela nos separará, por convencimento, das vaidades mundanas. Se sabemos saboreá-la, nos encherá a alma de doçura da lei divina e dos desejos celestiais, que apagarão os da carne, e nos apartará arrancando-nos dos vícios e das paixões. Nos ajudará, enfim, a viver a presença de Deus.

O estudo da divina Palavra, lectio divina, e de outros temas ajudam a configurar a personalidade espiritual da Monja Concepcionista, e sua formação cultural e literária, necessária, para dar a razão de

sua esperança a quem lhe a pedir, e prestar, à sociedade atual, o serviço adequado a nosso caráter contemplativo.

6.5 GENEROSA PENITÊNCIA

A vida de penitência da Monja Concepcionista, se centra em uma mudança total ou conversão a Deus, que compreende não somente o interior, mas também o exterior de sua conduta, orientando sua ascese para a pacificação das paixões ou liberação do mal, de modo que seu comportamento evoque a reconquista serena da harmonia do Paraíso, latente hoje no mistério da santidade original de Maria.

Com a penitência nos adentramos no espírito redentor de Cristo para mortificar nossas desordenadas paixões e tendências, assumindo suas aflições e dores, na medida em que nossa saúde o permita, não somente para reduzir à servidão nosso corpo senão também para completar o que falta aos sofrimentos de Cristo em seu Corpo, que é a Igreja em benefício dos irmãos.

6.6 LOUVOR DIVINO

Nada mais ditoso para a Monja que imitar os coros angélicos do céu e cantar junto com eles hinos ao Criador de todas as coisas e ao Redentor do universo.

A Eucaristia, antes de tudo, e o louvor divino, é o mistério e a obra transformadora do ser da Concepcionista, de sua edificação. Por isso, busca celebrá-la unida aos sentimentos, ao espírito, e ao amor de sua Mãe Imaculada, pedindo-lhe que sua alma santíssima esteja nela durante sua celebração.

Maria Imaculada é exemplo admirável não somente na Liturgia, senão na vida espiritual, que nos ensina a fazer da própria vida um culto a Deus e de seu culto um compromisso de vida, como testemunha a vida de nossa Mãe Santa Beatriz.

Assim oferece a Concepcionista o louvor divino a adorável Trindade, que preside sua celebração e que a recebe, assim como a oração da Comunidade.

A Monja sabe que por isso há de pôr muita atenção no divino louvor, porque Cristo ora nela. E sabe que Cristo quer orar ao Pai desde seu coração, com toda força de seu amor infinito de Filho.

6.7 COMUNHÃO FRATERNA

A comunidade concepcionista é a prolongação do amor Trinitário, do amor de Deus e de sua santidade, que se libera do próprio egoísmo para acolher com amor limpo e generoso, como Cristo, a todas as irmãs que Deus congrega. Comunidade evangélica e monástica que vive unida no louvor divino, no trabalho, nos problemas, na fidelidade a Deus, na fé e no amor a Deus, para que o mundo creia.

Nossa grande preocupação há de ser criar no Mosteiro, o ambiente de paz, de acolhida fraterna de todas as irmãs, de amor paciente com todas, de harmonia, de bondade.

6.8 TRABALHO

O trabalho, a arte, demanda atenção e as atitudes da Monja Concepcionista, obediente ao projeto criador do Pai, sabe que seu trabalho entra na grande liturgia do cosmos, e se converte em oração oferecida ao Pai por Cristo, Senhor da história.

Por isso, a Monja, não faz seu trabalho, ainda que seja intenso, sem o aspecto contemplativo. Ação e contemplação se unem nela, contemplando sua tarefa,

que oferece, como um canto, ao Criador de todas as maravilhas do universo.

A Monja Concepcionista sabe que há de ser responsável do trabalho que a obediência lhe encomenda e há levá-la a bom fim. Trabalha não somente para frear o corpo e para pagar as próprias necessidades da Comunidade e seu abastecimento, senão também para o próximo, seguindo as palavras do apóstolo São Paulo "trabalhe seriamente por realizar o bem com as suas próprias mãos, para ter com que socorrer os necessitados".

A Monja há estar ocupada em trabalhos bem organizados, convertendo o trabalho mesmo em escudo contra as artimanhas do mal. Há de servir-lhe para sua perfeição espiritual. A Concepcionista sabe que todo esforço e trabalho, senão está unido à oração, é estranho, e pode converter-se em perigo para sua santificação, por isso o realiza por amor a Deus e o santifica pelo espírito de oração. E o faz mesmo oração, como lhe ensina o Senhor e a tradição monástica como este ensinamento: 'Santificai vossas mãos com o serviço que vos foi encomendado, para oferecer a Deus um sacrifício agradável'.

6.9 ZELO APOSTÓLICO

Tomamos consciência de que nossa consagração monástica nasceu, cresce e se desenvolve dentro do seio da Igreja, nossa Mãe.

E sabendo que nosso serviço a Igreja, obra fundada por Cristo, se ordena a santificação de todo o Corpo da mesma Igreja, nos entregamos sincera, abnegada e inquebrantavelmente ao exercício de nossa vida monástica.

Nossa contemplação nos faz sentir mais irmãs de toda a humanidade, mais comprometidas em seu bem espiritual, não somente trazendo santidade com a nossa em favor deles, como vasos comunicantes que somos, senão sendo em nossa oração a voz dos que não sabem orar a Deus; amor dos que não sabem amar a Deus; mediação dos que prescindem de Deus; reparação dos que renegam ou perseguem a Deus, oferecendo ao Pai as angústias e dores, as esperanças e gozos de todos os homens.

Por isso, nunca esquecemos que nossa experiência de Deus, nossa alma empapada dele, temos que oferecê-la como ajuda e testemunho vivo da presença divina no mundo a todos os que cheguem

a nosso Mosteiro, como ofereceu nossa Mãe Imaculada, que suprirá nossa limitação e impulsionará sua fé como em Caná da Galiléia, e como ofereceu nossa Mãe Santa Beatriz, desde seu retiro claustral, que foi buscada e consultada no locutório pelos leigos que a tinham por mulher apostólica".

Mosteiro da Imaculada e Santa Beatriz
Alcázar de San Juan

Mosteiro da Imaculada e Santa Beatriz
Alcázar de San Juan

Mosteiro do Criador e da Imaculada (Campo de Criptana) fundado pela Madre Mercedes em 30 de abril de 1987, que é filial do Mosteiro de Alcázar de San Juan.

7. “Subo ao meu Pai e vosso Pai, ao meu Deus e vosso Deus”

A vida da Madre Mercedes se foi desgastando no silêncio do claustro... Sua vida, como ela dizia, era de Deus e para Deus.

Os intensos sofrimentos que teve que padecer para conseguir a “volta às fontes” da Ordem, seu espírito de penitência e sacrifício tinham deteriorado sua saúde, e é assim como desde o ano de 1991 começa a padecer de artrite reumatóide negativa. Sua enfermidade, com o passar do tempo, ia fazendo-se mais dolorosa, tanto que as articulações ficavam sem cartilagem.

Ela o sofria com uma exemplar paciência e tirando sempre a importância a seus padecimentos; unia esses às dores redentoras da Paixão de Cristo pela salvação de todos os homens, para atrair a humanidade ao conhecimento e amor do Pai e o aumento de vocações.

É assim que no ano de 2004, o Senhor começa uma das maiores e últimas purificações: sua enfermidade chegava ao cume do sofrimento que durou longos meses. Mas seu amor a Deus, suas ânsias de corresponder-lhe com fidelidade e

generosidade, fizeram que seguisse assistindo aos atos da comunidade, pois sua grande preocupação era não poder dar exemplo como ela desejava. Mas é aí justamente, na enfermidade, quando dava exemplos heróicos e de santidade altíssima, que suas filhas viam, ficando edificadas.

Diante das fortes dores que padecia, as Monjas insistiam que visse um doutor qualificado. Ela dizia:

- *"Esso é por causa de um novo surto da minha enfermidade".*

E não aceitava sair do Mosteiro. Por fim, diante da insistência das Monjas, concordou com isso. Viram-na vários médicos, mas não davam realmente sua enfermidade, até que lhe fizeram um estudo a fundo e os exames pertinentes. O resultado foi: "Carcinoma de pequenas células de Pulmão com Metástases Hepáticas e Ósseas", resultado que chegou depois de seu falecimento. Por causa desta enfermidade tinha a cabeça do fêmur da perna direita quebrada, daí essas dores tão agudíssimas que ela sofria com tanta exemplaridade ao longo de vários meses. O atestam suas próprias palavras escritas em 15 de abril do corrente ano:

"*Me inflamou a articulação da cadeira com a coluna vertebral. As dores são agudas. A carne treme*

da dor nessa parte e o fato de me mudar de um lugar ao outro, como sei as dores que me esperam com o movimento, tremo e penso: não me estranha que Jesus suasse sangue no Horto das oliveiras considerando as dores atrozes que vinham sobre ele, não me estranha, ó, Deus meu! (Pobrezinho meu) lhe digo com carinho, quanto sofreste por nós, Deus meu, e que esquecido o temos! Perdoai-nos, Deus querido!" Assim terminavam seus últimos escritos.

Quanto esteve em observação no hospital foi vê-la o Capelão. A Madre imediatamente ao vê-lo, alegrou-se muitíssimo e em seguida lhe pediu em voz alta que lhe perdoasse todos os pecados de sua vida e o mal que havia levado esta enfermidade. Imediatamente deu-lhe a absolvição e depois a Comunhão. A Madre disse que era o maior Presente que lhe podiam dar. Pôs-se muito contente...

Já no Mosteiro, a Madre comentava com a irmã que cuidava dela:

-"*A visita do Capelão foi uma graça muito grande, um presente do Senhor".*

Quanto sofrimento, mas com quanto ânimo, com quanto amor, sempre agradecendo a ajuda que lhe prestavam suas filhas! Contagiava a alegria, o

bom humor e sua doçura habitual. Seus suspiros eram sempre:

-*"Ai, meu Deus amado!"*

A Madre dissimulava muitíssimo seus padecimentos para que as Monjas não sofressem; sempre as estava animando e lhes dizia que não ia ter nada de mal, que iria se curar. Talvez ela pedisse assim ao Senhor, porque as via tristes e não as queria abandonar.

Uma das últimas noites em que suas dores eram terríveis disse à irmã que cuidava dela:

-*"Espero que já chegue a hora".*

Esta irmã perguntou-lhe:

-"Que hora, Madre?"

Ela lhe respondeu:

-*"A hora de Deus".*

Depois acrescentou:

-"*Temos que rezar muito a Virgem…"*

Um pouco depois a irmã lhe disse:

-"Madre, vamos dormir".

E a Madre lhe respondeu:

- *"Sim, vamos dormir".*

Mas em seguida voltou a dizer:

-*"Não, dormir, todavia não, que me restam muitas coisas por fazer".*

Quatro dias antes de subir ao céu, outra irmã lhe perguntou:

-"Madre, queres confessar-te?"

-*"Não é necessário".*

E acrescentou:

-*"Dou graças a Deus porque me permitiu cumprir minha missão."*

Bem podemos ver nestas palavras que sua vida, dia a dia, momento a momento, foi uma constante preparação para o encontro definitivo com Deus... o temor não existia, porque no verdadeiro amor não existe temor.

Uma vez a uma das monjas que a atendia em sua enfermidade disse:

-*"Tendes que amar-vos muito, mas na prática".*

Dizia estas palavras com plena lucidez e olhando-a nos olhos. Logo outra vez se recolhia e descasava.

Dois dias antes de ir para o Pai, enquanto a Comunidade estava na Missa, começou a dizer a irmã que lhe cuidava:

-*"Venha, vamos viver para Deus, vida interior, viver a vida interior! Deus não faz as coisas pela*

metade... vamos viver para Deus, tudo vai terminar logo...”

Diante destas palavras, uma grande aflição inundou a irmã, porque suas palavras lhe pareciam proféticas: sua morte está próxima.

Ainda faltava a última purificação… a mais terrível, mas que Deus permitiu para embelezar sua alma.

Em 02 de agosto antes que a Comunidade rezasse as Laudes, a Madre, na presença da irmã que a acompanhava e que rezava o rosário em voz baixa, disse:

-*“Bendito seja Deus!”*

Ao que respondeu a irmã:

- “Sim, bendito seja Deus”.

Logo começou a rezá-lo em voz alta e a Madre respondia dentro de suas possibilidades.

Depois de um tempo, olhando-a nos olhos, com plena lucidez, lhe disse com voz suplicante:

-*“Satanás me tira as forças”.*

A irmã começou a rezar com mais insistência, pois compreendeu que era tentada, que estava em um duro combate. Em seguida a Madre disse:

-*“Que luta! Reza, filha, não deixes de rezar”.*

Então a irmã pensou em ajoelhar-se, pois acreditava que assim era melhor rezar, talvez com mais fervor, mas um pensamento invadiu sua mente: não devia ajoelhar-se porque estava presente o maligno. Enquanto lutava, disse com voz enérgica:

-*"Glória!"*

E a irmã respondeu:

-"Glória a Deus no céu! Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo!"

Durante esta tentação, a Madre teve em sua mão um Crucifixo, que sempre descansava sobre sua cama, na qual havia gravado com imenso amor a palavra: PADRE [em português - PAI]

Terminada a tentação, a Madre respirou fundo e disse:

-*"Já passou o pior!"*

E deixou de apertar entre suas mãos o Crucifixo. Logo ficou muito tranqüila. As duas irmãs que nesses momentos a acompanhavam seguiram rezando. Depois a Madre disse:

-*"Beijar".*

E lhe deram o Crucifixo para beijar.

Foi sua última purificação, na que como fiel esposa triunfou; foi a preparação para o encontro definitivo com seu amado Senhor.

Outra irmã ao inteirar-se do que havia ocorrido disse a Madre:

-"Como é que esse, sendo tu tão boa, vai vir tentar-te?"

A Madre respondeu:

-*"Por isso vem..."*

Por fim chegava a hora tão esperada: a Santa Missa, que se celebrou na enfermaria às 11 da manhã. Ao chegar o Capelão lhe perguntou:

-"Como está...?"

Ela disse:

-*"Como Deus quer".*

Esta era sua resposta e sua disposição sempre: estar nas mãos de Deus.

Esteve acompanhada por todas suas filhas de Alcázar de San Juan e Campo de Criptana, que assistiram a Eucaristia, último Banquete terreno em que participaria.

Se celebrou a Missa votiva de São José, por desejo da Madre. Respondeu a tudo com plena consciência do que estava celebrando; recebeu o Corpo e o Sangue de Cristo com plena lucidez e com uma alegria imensa que manifestou com palavras de agradecimento e gozo. Depois recebeu a Unção dos enfermos, a Indulgência Plenária e a Benção de Sua

Santidade com o fervor próprio de uma alma de Deus, de uma santa, conseqüência de sua vivência com Deus ao longo de toda sua vida.

Mais tarde, a Madre piorou... pelo que sofria muito e em meio desta angustiosa situação disse:

-*"Tenho sede".*

Foram palavras muito significativas. A irmã que a acompanhava exclamou:

-"Disse: 'Tenho sede" como Cristo!"

Ao administrar-lhe uma forte dose de medicação, a Madre pode descansar o resto da tarde.

Às 10 da noite, mais ou menos, despertou. Irradiava uma doçura extraordinária, falou ternamente com as monjas, que lhe expressavam quanto a amavam, ao que respondia:

-*"Obrigado…"*

As irmãs que a cuidavam desfrutavam dela porque realmente era uma felicidade estar ao seu lado. Parecia-lhes que estava cheia da inocência de uma criança recém batizada, tinha uma limpeza em seu interior que era palpável ao vê-la. Ficaram com uma alegria muito especial que jamais esquecerão...

Esta noite não dormiu quase nada, estava plenamente lúcida. À irmã que a acompanhava dizia que tinha que escrever... E a irmã lhe respondia que

sim, que no dia seguinte porque era de noite. Depois lhe disse:

-*"Tens que abrir a porta".*

A irmã se assustou já que pensava que ela dizia isso porque se sufocava. Perguntou-lhe apontando a porta:

-"Esta?"

A Madre lhe disse:

-*"Sim".*

E a irmã a abriu. A Madre voltou a cabeça um pouco para a porta e a acrescentou:

-*"Não, esta fechada".*

Então lhe perguntou novamente:

-"Que porta queres que abra?"

Disse-lhe:

-*"A porta da Virgem".*

A irmã acrescenta:

-"Não te preocupes, essa porta está sempre aberta". Dizia por que pensava que a Virgem não podia fechar para ela a porta. Logo comentou com as Monjas, e se deram conta que a Madre queria que abrisse a porta a Virgem porque vinha buscá-la. E efetivamente, lhe faltavam umas horas para morrer.

Em 03 de agosto, no meio da manhã, a Madre disse:

-"*Já falta pouco"*.

Olhava ternamente um pequeno altar que as monjas prepararam na enfermaria, com a imagem da Virgem, São José e Santa Beatriz.

Às 12,30, entrou em agonia, e toda a Comunidade se reuniu ao seu redor. Não deixavam de chorar, mas o rosto da Madre se mostrou aflito ao ouvi-las, pelo que tentaram conter a dor e começaram a cantar uma e outra vez:

-"Subo ao meu Pai e vosso Pai, ao meu Deus e vosso Deus"... são aquelas palavras do Evangelho que sempre quis ouvir no momento de sua morte, como em outras ocasiões havia manifestado à Comunidade.

Imediatamente seu rosto mudou e assim deu seu último suspiro, expirando as 12,40 entre suas filhas.

Não foi menos dolorosa a agonia das filhas que a da Madre. Porque esta tinha a alma cheia do Senhor, mas elas... ficavam órfãs de Mãe, de tão boa Mãe que as levava a Deus...

Seu rosto aflito somente o teve por um momento, logo ao morrer foi mudando sua expressão de uma maneira admirável. Um doce sorriso do céu inundou sua face; toda sua expressão e seu corpo irradiava uma paz enorme, parecia que do silêncio de

seu corpo jacente queria transmitir-nos o gozo imenso de que participava sua alma ao contemplar o Pai. Dava a impressão de estar dormindo no doce sono que a levou à eternidade. Morreu como viveu: sempre olhando o céu, porque sua morte foi o reflexo de sua vida.

Madre Mercedes morreu em odor de santidade em 03 de agosto na novena de São Lourenço de 2004, no Mosteiro da Imaculada e Santa Beatriz, de Alcázar de San Juan, precisamente quando a Igreja se dispunha a comemorar solenemente 150ª aniversário da declaração do dogma da Imaculada Conceição.

Desde seu falecimento até seu enterro esteve no Coro da Comunidade para que os fiéis pudessem vê-la. Muitos davam as Monjas, rosários, estampas... a fim de que as Monjas os passassem pelo corpo e as mãos da Madre, que chamavam a atenção pelo perfeito que estavam, pareciam de marfim. Foi ao morrer que aconteceu este fato, já que ante as tinha muito deterioradas.

A Missa Exequial se celebrou em 04 de agosto, presidida pelo Sr. Bispo Emérito Dom Rafael Torija, com dezenove Sacerdotes concelebrantes, participando inumeráveis fiéis que acompanharam até

o último momento a quem, em vida, lhes acompanhou com sua oração, e do céu intercederá por todos.

Assim, a Madre cumpriria as palavras que anos antes deixou escritas:

"*Eu não poderei ser feliz no céu, senão atraindo-os ao conhecimento e amor do Pai".*

Seu corpo foi transladado nos ombros por suas filhas até o cemitério do Mosteiro, onde descansa na paz do Senhor.

"A vossa bondade e misericórdia
hão de seguir-me por todos os dias
de minha vida" (Salmo 22)

Sepulcro onde repousam os restos mortais da Madre Mercedes, no Mosteiro de Alcázar de San Juan

ORAÇÃO

Para obter a glorificação na terra

da Serva de Deus Madre Mercedes de Jesus

Monja Concepcionista

Ó Deus, fonte e doador de todos os bens, glorificado em todos teus santos, que concedeste a tua serva Madre Mercedes de Jesus, seguir fielmente o carisma de Santa Beatriz de Silva, em honra da Conceição Imaculada de Maria, na qual se restaura sobre o homem a imagem santa de Deus perdida no paraíso. Digna-te glorificar a esta fiel Concepcionista, que tanto te amou na terra e concede-me por sua intercessão o favor que peço... Amém

Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória

(Com licença eclesiástica)

Para comunicar graças recebidas,
pedido de livros e estampas, dirigir-se:

Mosteiro de Monjas Concepcionistas
C/. Virgen, 66 – C/. Santa Beatriz de Silva, 2
13600 Alcázar de San Juan (Ciudad Real) España
Tel. y Fax 926 54 00 09
www.monjasconcepcionistasdealcazar.com